

Mocidade Cristã

Ano XVII

Julho a Setembro de 1955

Número 68

Adaptabilidade

Um pregador do Evangelho deve estudar seu auditório tanto quanto o assunto de seu sermão. A falta de adaptabilidade aos seus ouvintes produz pouco resultado. Tenho ouvido pregações de irmãos da roça e de oradores treinados nos seminários e, em muitos casos, reparei a falta de adaptação à inteligência dos ouvintes.

Lembro-me duma ocasião quando tive a oportunidade de ouvir um orador provindo de uma das cidades principais do Brasil e que visitava as congregações de sua denominação. O auditório era então povo da roça. Antes da reunião, perguntei: «Será que esse pregador é capaz de adaptar seu discurso ao alcance desta gente da roça?» Ouvi a resposta: «Adapta nada!» e o nosso informante provou-se ser verdadeiro profeta. O grande orador pregou um sermão que serviria para um auditório da cidade onde morava, mas não para o povo simples da roça. Outra ocasião ouvi um pastor pregar ao ar livre numa povoação onde o povo nada entendia do Evangelho. Empregava palavras e frases com tanta grandiloquência que o povo escutava, boca-aberta, sem entender nada! Pensei que seus ouvintes diriam: «Este Evangelho protestante é difícil demais para nós, porque é embrulhado em palavras que ninguém entende».

Mas os irmãos da roça que pregam o Evangelho, embora não tenham a eloquência dos oradores treinados nos seminários, usam, contudo, constantemente, palavras e frases bíblicas que os descrentes não entendem. Tais

pregadores, em poucos anos, evidentemente esqueceram-se do fato que, antes da conversão, eles eram igualmente ignorantes dessas palavras e referências à Bíblia.

O fato faz-me lembrar de certas experiências durante viagens a cavalo no interior do país. Ao despedir-me, de manhã, de nosso hospedeiro na roça, peço que ele me indique o caminho. Ele explica bem o caminho, e então pergunto-lhe: «Há qualquer errada na estrada?». Responde: «nenhuma, o caminho é fácil». Saio. Antes de 3 ou 4 quilometros chego a uma encruzilhada. Ali espero até passar alguém que pode informar-me. Na mesma viagem esta experiência repeite-se duas ou três vezes. Por que foi que meu bom hospedeiro não me avisou destas «erradas»? A razão é porque, para ele, não são «erradas». Ele mesmo não pensaria em tomar estes desvios e julgar-me-ia muito estúpido parando ali, em vez de seguir no caminho tão bem conhecido para ele. Falta a capacidade de imaginar minha condição de ignorância das estradas. Alguns pregadores têm a mesma incapacidade de julgar a ignorância de seus ouvintes, que nunca ouviram o Evangelho e nada sabem das Escrituras. Palavras bíblicas bem conhecidas pelos crentes, não são compreendidas pelos descrentes. A palavra «crente» por exemplo, significa apenas «protestante». O pregador convida os ouvintes a serem «crentes». Para estes a idéia é que devem mudar sua religião para ser protestantes. Há outras palavras, embora conhecidas pelos crentes, por serem bíblicas, não são usadas em conversa pelo povo. A palavra «pe-

rever» é confundida com «parecer». Palavras como «exiação, justificação, propiciação» devem ser explicadas. Narro dois casos que ilustram as dificuldades em evangelização de pessoas ignorantes do Evangelho.

Um missionário pregava a uns índios, que escutavam com atenção. Depois da pregação, o pregador permitiu que qualquer idio fizesse uma pergunta. Um deles, que parecia interessado, levantou-se e fez esta pergunta: «Por quanto o senhor me vende um machado?»

Há anos visitei a Ilha de Madeira para pregar o Evangelho. O meu hospedeiro foi o Sr. Benjamim Duarte, pastor metodista, (escritor do hino: «Leva tu contigo o nome de Jesus») Sua esposa nasceu na Ilha de S. Miguel, nas Açores. Foi convertida pela pregação do Sr. Henrique Maxwell Wright, que visitava a Ilha freqüentemente e fundou um trabalho evangélico que existe até hoje. Era inglês; mas nascido e criado em Portugal, falava perfeitamente a língua portuguesa. A senhora Duarte me contou como levou uma vizinha para ouvir a pregação do Evangelho. Voltando juntas à casa, perguntou à sua amiga se gostara da pregação. A vizinha respondeu: «Não entendi nada que o pregador disse: porque não entendo inglês». A Sra. Duarte exclamou: «Mas o Sr Wright pregou em português, e não em inglês». Mas sua companheira insistiu que a pregação fora em inglês!

Contamos êstes dois casos para ilustrar as dificuldades que bons pregadores, às vezes, encontram. Provam a importância de conhecer e entender bem a mentalidade de pessoas no auditório a quem se prega o Evangelho. Evangelização individual ajuda um pregador a compreender a mentalidade e as dificuldades dos descrentes.

W. Anglin

Nossos Hinos

Há quase duzentos anos dois homens combinaram a escrever hinos para serem cantados em cultos evangélicos na aldeia de Olney, na Inglaterra. Eram Guilherme Cowper (o poeta) e João Newton. Até hoje são chamados «Os Hinos de Olney».

Cowper era de uma família aristocrática e recebeu educação esmerada. Formou-se advogado, mas, por causa da sua fraqueza física, não pôde prosseguir na vocação. Sofria também, ataques mentais de vez em quando. Tornou-se literato e poeta célebre.

O Sr. Newton era um contraste deante de Cowper, em todo o sentido. Quando rapaz, era mau e profano, embora sua mãe fosse piedosa. João deixou a casa para ser marinheiro. Continuava sua carreira pecaminosa, tornando-se cada vez mais profano. Durante certa tempestade, esperando que o navio afundasse, implorou a Deus salvar sua vida, prometendo reformar-se, se poupadão fosse. Salvou-se, mas, em vez de reformar-se, piorou. Tornou-se trafegante de escravos africanos. Newton, porém, amava uma moça piedosa que orava pela sua salvação e por isto e a memória da sua mãe piedosa, que já falecera, foi convertido. Deixou o mar e estudou para o ministério da igreja anglicana. Foi nomeado vigário de Olney. Convidou Guilherme Cowper para morar ali, e os dois, de tipo tão diverso, trabalhavam juntos na paróquia, e escreveram «os hinos de Olney».

Podemos mencionar dois daqueles hinos de Olney, mais populares na língua inglesa. Foram traduzidos para o português.

Guilherme Cowper escreveu o original do hino 29 em «Hinos e Cânticos», traduzido pelo Sr. Mc. Nair: «Há uma Fonte sem igual». Durante

duzentos anos o original tem sido popular em reuniões evangelísticas, onde se fala a língua inglesa. Reparamos que o número 460 de «Salmos e Hinos» é uma tentativa do Sr. M.G. L. Andrade de traduzir o mesmo hino («Há uma Fonte carmezim»), mas tôdas as quatro estrofes e o coro tem uma acentuação falsa. O Sr. Cowper era muito caprichoso com seus escritos e, se tivesse visto uma tradução assim de um dos seus hinos, teria sofrido um acesso.

Outro hino traduzido em português é o original de «Quão doce soa ao coração do pobre pecador o nome que lhe traz perdão, Jesus o Salvador». O original foi escrito por João Newton e traduzido por H.M. Wright, que adaptou o hino para evangeliação. No original, «o nome soa» aos ouvidos dos crentes. É o numero 362 em Hinos e Canticos, 231 em Salmos e Hinos e 70 no Cantor Cristão.

Contemos uma história ligada com o hino: «Há uma Fonte sem igual»

Um velho crente contou-nos como fora convertido nos dias da mocidade. Seu nome era Guilherme e trabalhava numa fabrica de ferro, descarregando vagões de carvão de pedra de seis da manhã até às cinco da tarde. Voltava à casa a cõr dum africano por causa do pó do carvão. Um dia, assentava-se assim para tomar a refeição, na Inglaterra chamada «chá», quando passava deante de sua casa um grupo de crentes, que cantavam e pregavam nas ruas. Guilherme ouviu-os cantar o hino «Há uma Fonte sem igual». Levantou-se da mesa, deixando seus companheiros, e saiu para ouvir mais. Seguiu o grupo duma rua para outra até que, finalmente, entrou num salão evangélico. Ali, nosso amigo, muito impressionado e arrependido dos seus pecados, converteu-se. As lágrimas cortaram listas pelo rosto no pó de carvão. Tirou o

lenço para enxugá-las, fazendo sua aparência mais feia! Então lembrou-se do chá e voltou à casa. Seus companheiros perguntaram-lhe aonde tinha ido. Guilherme respondeu que seguira os pregadores e agora estava convertido, pertencia ao Senhor Jesus. Gargalhadas e zombaria! Mas não lhe tiraram a nova fé. Durante mais de sessenta anos da vida, foi crente fervoroso.

Estudo sobre a primeira epístola aos Coríntios

Corinto era uma das cidades principais de Acaia (Grecia), conhecida por sua riqueza, luxo, vícios e corrupção. O Apóstolo Paulo foi o fundador ou «pai» da Igreja. Ficou certa vez na cidade 18 meses, segundo Atos 18. Naquêle tempo morava com Aquila e Priscila, um casal judeu expulso de Roma. Paulo ganhava seu sustento junto com Aquila durante este período, fabricando tendas, mas pregava o Evangelho e ministrava à Igreja formada. Depois mudou-se com Aquila para Éfeso. Ouvindo que dissensões, dificuldades e desordens haviam penetrado na igreja de Corinto e, recebendo uma carta dali, perguntando-lhe acerca de certos assuntos, o Apóstolo escreveu esta carta no ano 57 A.D. Mostra que a Igreja era a mais carnal de todas às quais escreveu, por que nela havia partidos, brigas, imoralidade, doutrinas falsas e desordens nas reuniões.

A Epístola

Paulo escreveu como Apóstolo, associando Sóstenes com ele. Este era outrora, provavelmente, seu perseguidor, mas depois convertido. Lemmos em Atos 18 que os judeus queriam processar Paulo, mas o gover-

duzentos anos o original tem sido popular em reuniões evangelísticas, onde se fala a língua inglesa. Reparamos que o número 460 de «Salmos e Hinos» é uma tentativa do Sr. M.G. L. Andrade de traduzir o mesmo hino («Há uma Fonte carmezim»), mas tódas as quatro estrofes e o coro tem uma acentuação falsa. O Sr. Cowper era muito caprichoso com seus escritos e, se tivesse visto uma tradução assim de um dos seus hinos, teria sofrido um acesso.

Outro hino traduzido em português é o original de «Quão doce soa ao coração do pobre pecador o nome que lhe traz perdão, Jesus o Salvador». O original foi escrito por João Newton e traduzido por H.M. Wright, que adaptou o hino para evangélização. No original, «o nome soa» aos ouvidos dos crentes. É o numero 362 em Hinos e Canticos, 231 em Salmos e Hinos e 70 no Cantor Cristão.

Contemos uma história ligada com o hino: «Há uma Fonte sem igual»

Um velho crente contou-nos como fora convertido nos dias da mocidade. Seu nome era Guilherme e trabalhava numa fabrica de ferro, descarregando vagões de carvão de pedra de seis da manhã até às cinco da tarde. Voltava à casa a côn dum africano por causa do pó do carvão. Um dia, assentava-se assim para tomar a refeição, na Inglaterra chamada «chá», quando passava deante de sua casa um grupo de crentes, que cantavam e pregavam nas ruas. Guilherme ouviu-os cantar o hino «Há uma Fonte sem igual». Levantou-se da mesa, deixando seus companheiros, e saiu para ouvir mais. Seguiu o grupo duma rua para outra até que, finalmente, entrou num salão evangélico. Ali, nosso amigo, muito impressionado e arrependido dos seus pecados, converteu-se. As lágrimas cortaram listas pelo rosto no pó de carvão. Tirou o

lenço para enxugá-las, fazendo sua aparência mais feia! Então lembrou-se do chá e voltou à casa. Seus companheiros perguntaram-lhe aonde tinha ido. Guilherme respondeu que seguira os pregadores e agora estava convertido, pertencia ao Senhor Jesus. Gargalhadas e zombaria! Mas não lhe tiraram a nova fé. Durante mais de sessenta anos da vida, foi crente fervoroso.

Estudo sobre a primeira epístola aos Coríntios

Corinto era uma das cidades principais de Acaia (Grecia), conhecida por sua riqueza, luxo, vícios e corrupção. O Apóstolo Paulo foi o fundador ou «pai» da Igreja. Ficou certa vez na cidade 18 meses, segundo Atos 18. Naquêle tempo morava com Aquila e Priscila, um casal judeu expulso de Roma. Paulo ganhava seu sustento junto com Aquila durante êste período, fabricando tendas, mas pregava o Evangelho e ministrava à Igreja formada. Depois mudou-se com Aquila para Éfeso. Ouvindo que dissensões, dificuldades e desordens haviam penetrado na igreja de Corinto e, recebendo uma carta dali, perguntando-lhe acerca de certos assuntos, o Apóstolo escreveu esta carta no ano 57 A.D. Mostra que a Igreja era a mais carnal de todas às quais escreveu, por que nela havia partidos, brigas, imoralidade, doutrinas falsas e desordens nas reuniões.

A Epístola

Paulo escreveu como Apóstolo, associando Sóstenes com êle. Este era outrora, provavelmente, seu perseguidor, mas depois convertido. Lemos em Atos 18 que os judeus queriam processar Paulo, mas o gover-

nador Gálio não queria ouvir o caso, e os gentios «agarraram Sóstenes, principal da Sinagoga e o feriram diante do tribunal». Depois da sua conversão, o perseguidor veio a ser amigo do Apóstolo e estava em Éfeso com este quando escreveu a carta.

Devemos então notar a quem a carta é dirigida:

- (1) À Igreja de Deus que está em Corinto
- (2) Aos santificados em Cristo Jesus
- (3) Aos santos
- (4) A todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

A Igreja de Deus é o título da coletividade dos crentes verdadeiros na cidade. Deus não reconhece qualquer entidade menor numa cidade hoje, como o Rio, Belo Horizonte, ou S. Paulo. Os homens arranjam suas «igrejas», mas Deus não muda seus pensamentos e planos por isso. Elas

não são «corpos jurídicos» aos olhos de Deus. A igreja local abrange todos os santos.

Santificados em Cristo é a posição espiritual de todos os cristãos, embora a vida de alguns crentes coríntios não correspondam ao apelido.

Santos. Devemos notar que «santos» é um título aqui, e não um adjetivo.

Não é um alvo que um crente procura alcançar ou ganhar. Um menino convertido ontem é santo, igualmente como era o Apóstolo Paulo. Por causa da corrupção no uso da palavra, não é conveniente que os crentes hoje empregam o título quando falam de seus irmãos diante do mundo, porque seria mal entendido.

Devemos notar que a carta é para o proveito de todos os cristãos em toda a parte e em todos os tempos. Hoje podemos dizer que a epistola é dirigida a nós.

As Epistolas do Apóstolo Paulo

NOME DA EPÍSTOLA	QUANDO ESCRITA	ONDE FOI ESCRITA
Romanos	58 A. D.	Corinto
1 Coríntios	57	Éfeso
2 Coríntios	58	Filipos
Gálatas	58	Éfeso
Efésios	63	Prisão em Roma
Filipenses	63	» » »
Colossenses	63	» » »
Filemon	63	» » »
Hebreus	63	» » »
1 Tessalonicenses	53	Corinto
2 Tessalonicenses	53	»
1 Timóteo e Tito	65	Macedónia
2 Timóteo	66 ou 67. Prisão em Roma segunda vez	

O Apóstolo Paulo chegou a Roma no ano 61 A.D. Foi posto em liberdade no ano 63 ou 64, mas preso outra vez no ano 66 ou 67. Segundo 2

Timóteo não foi condenado na primeira audiência, mas esperava a segunda, quando foi condenado à degolação.

História dos Judeus

(continuação)

No último número dissemos que João Hircano (Hircano I) foi o primeiro sacerdote-rei da dinastia hasmoneana. Reinou 31 anos e, durante aquele período, o país prosperou materialmente, embora houvesse uma degeneração moral naquela família ilustre. Seus filhos «se helenizaram», tomando nomes gregos. Aristóbolo, que sucedeu a seu pai Hircano, era tirânico e cruel. Prendeu a própria mãe, deixando-a morrer de fome. Prendeu três dos irmãos, deixando Antígonos, o mais velho, livre, a quem, porém, mais tarde, influído pela rainha Alexandra, mandou assassinar. Seus crimes, porém, pesaram-lhe na consciência, até enloquecer e morrer. A viúva libertou seus cunhados.

Alexandre Janeu tomou o lugar do pai. Era cruel; mandou matar um dos irmãos. Seu reinado foi uma série de guerras e revoltas. Um dia, mandou seus soldados matar 6.000 judeus por causa dum insulto que recebeu. O povo levantou-se contra o rei e ele foi obrigado a fugir. Voltou, derrotando seus inimigos, e mandou crucificar 800 prisioneiros, alguns que eram seus parentes. Quando morreu, deixou a esposa, Alexandra, como rainha e seu filho Hircano como Sumo Sacerdote. A rainha reinou 27 anos e era mulher muito habil e inteligente. Quando morreu, o filho Hircano, o Sumo Sacerdote, foi coroado rei (Hircano II). Seu irmão, Aristóbulo revoltou-se contra Hircano e obrigou-o a ceder-lhe a coroa e o sacerdócio e a retirar-se para vida privada.

Hircano, embora homem fraco, tinha um amigo poderoso e rico, chamado Antípater, idumeu (ou idomita). Era pai de Herodes, depois rei dos judeus. Antípater persuadiu Hircano

a pedir ao rei Aretas, de Iduméia (Edoma) a ajudá-lo na sua restauração como rei. Aretas concordou em mandar um exército sob a condição de ele restaurar as cidades edomitas que os judeus haviam tomado no tempo de Hircano I. Assim começou uma guerra civil. Os dois irmãos apelaram para Pompeu, o célebre general romano, que já conquistara a Síria e esteve em Damasco. Este general considerou o caso, decidindo em favor de Hircano. Marchou para Jerusalém com um exército romano, cercou-a e finalmente tomou a cidade. Pompeu entrou no templo, ficando admirado por não ver ídolo ou imagem. Respeitou o santuário e deixou o grande tesouro. Confirmou Hircano em seu lugar, mas doravante a Judéia seria tributária de Roma. Ele mandou Aristóbulo e seu filho Antígonos como prisioneiros para Roma. Outro filho, Alexandre, escapou; mais tarde, porém, revoltando-se, foi executado. Júlio César, o general romano, rival de Pompeu, mais tarde confirmou Hircano nominalmente na posição de sacerdote-rei, mas Antípater ficou com o poder. Ajudou Júlio César na campanha e foi recompensado com a posição de Procurador da Judéia, e, depois, seu filho Herodes foi feito governador da Galiléia. César libertou Aristóbulo de Roma, com seu filho, mas chegando à Judéia, foi assassinado pelos amigos de Pompeu. Assim a Judéia e toda a Palestina ficaram romanizados, perdendo sua liberdade e passando a ser tributários de Roma. O poder da família Hasmoneana (dos macabeus) foi perdido e, antes da morte de Herodes I, ficou extinta.

Correspondência

Dissemos no artigo sobre Hinologia que a acentuação musical deve con-

cordar com a acentuação das palavras. Mas, às vezes, surge uma questão do compasso. Alguns maestros seguem a música estreitamente; outros modificam o compasso de acordo com as palavras. Por exemplo: a última palavra numa linha dum hino termina em certas estrofes, com ponto final, mas a nota da música para cantar a última silaba antes do ponto final é curta. Devem os cantores fazer uma pausa conforme as palavras, ou cantar segundo a música? A nosso ver, as palavras devem ter a primazia. Alguns cantores a fim de dar ênfase a certas palavras e frisar certos pensamentos no hino, modificam a música.

Já temos dito que o cavalo tem de obedecer ao cavaleiro e andar como seu dono quer. Assim as palavras são como o cavaleiro, e a música como o cavalo para levar as palavras como convém.

Pergunta 1. Um leitor deseja saber uma explicação da figura em Ezequiel 37.

Resposta. Os judeus estavam em cativeiro na Babilónia, sem esperança de serem restaurados à liberdade.

São representados na figura pelos ossos secos. Ezequiel é mandado profetizar aos ossos, e quando profetizava, os ossos ajuntaram-se e carne e pele formaram nos corpos. Mas ficaram sem vida. Então Jeová mandou o profeta chamar o vento para soprar nos cadáveres. O vento, ou o espírito, entrou nos corpos, e todos levantaram-se como um grande exército. As palavras «vento» e «espírito» são expressas pela mesma palavra, tanto no hebraico do Velho Testamento como no grego do Novo Testamento.

A figura é uma profecia da restauração dos judeus à sua pátria e posição como nação. Depois de 70 anos em cativeiro, o povo voltou a Jerusalém no tempo de Esdras e Neemias.

É, também, uma profecia da restauração futura de Israel. Durante estes últimos anos a primeira parte da profecia cumpriu-se, pois os Israelitas voltaram à Palestina. Não têm vida espiritual ainda, pois falta-lhes a fé verdadeira. O Espírito de Deus ainda não soprou no povo, como há de ser futuramente.

Se o irmão é pregador do Evangelho, deve lembrar-se do fato que seu auditório de pecadores é como um vale de ossos secos, sem vida. O Espírito Santo pode soprar sobre os «cadáveres» e então viverão espiritualmente, recebendo a vida eterna.

Pergunta 2. Pede um leitor explicação dos versículos 1 Tim. 2:9 e Pedro 3:3.

Resposta. Nos dias do Apóstolo havia uma grande diferença entre o vestido das mulheres ricas e das pobres. A exortação nestes versículos é dirigida às ricas. Ensinando-lhes que ostentação das suas riquezas nas vestes não convinha a uma cristã, especialmente na igreja onde se congregavam irmãs pobres.

Em nossos dias, a diferença no vestido de mulheres ricas e pobres é menor, e a manifestação de mundanismo na igreja é rara, a não ser na pintura dos lábios e das unhas, e não são sempre as ricas que têm este costume repreensível. Nas congregações da roça, onde nosso jornal é mais lido, não temos reparado este costume, nem vestidos de luxo. Evidentemente, no tempo do Apóstolo, «tranças» representavam certa moda de arranjar o cabelo, usada por mulheres mundanas. Não há razão por que meninas hoje não possam usar tranças, porque não é sinal de vaidade. Geralmente o vestido de meninas, moças e mulheres nas igrejas da roça é simples e de bom gosto.

+ Missionários na Índia

Os ingleses governaram a Índia durante duzentos anos, mas, depois da última guerra, o país dividiu-se em dois governos independentes, um dos indúes e outro dos maometanos. A Índia tem mais de 300 milhões de habitantes, que falam diversos dialetos. Os ingleses deram à Índia pelo menos três boas coisas: (1) Justiça—embora disseram que esta bênção não era muito popular, a não ser para os pobres e oprimidos (2) A paz, porque o seu domínio foi a cessão das guerras internas (3) Missionários do Evangelho e hospitais evangélicos. Agora há o receio de que as autoridades impeçam o progresso do Evangelho, recusando licença para os missionários que saem do país voltarem ao seu trabalho, ou impedindo o ingresso de novos missionários. Vamos narrar uma história que ilustra bem como muitos da Índia sofrem por causa dos costumes pagãos e como os missionários aliviam muito sofrimento.

Kola era uma viúva de 13 anos de idade e acusada de ser a causa da morte do seu marido por meio do «maligno». A história começa depois do enterramento do marido. Kola fugiu para esconder-se numa casinha suja e mal cheirosa. Caindo no soalho, sujou seu bonito vestido de seda. Chorou amargamente. Ouvia gritos cada vez mais perto: «Onde está Kola, a maligna que causou a morte do marido?» Foi por fim descoberta e arrastada para a presença da sogra. Choro e rogos eram de balde. Aquela aldeia remota da Índia não se conhecia misericórdia. Vizinhos e crianças ajuntaram-se para verem a sua degradação. Vozes cruéis aculavam as mulheres enquanto arrancavam o vestido bonito de Kola trocavam-o por uma roupa suja e esfarrapada. As pulseiras foram-lhe arrancadas com

violência, rasgando-lhe a pele. A última humilhação seria a pior. Ela implorou às mulheres que não lhe cortassem o cabelo comprido. Em vão. As tranças bonitas espalharam-se pelo chão.

«Agora, maldita, some-te, que não és digna de morar senão com cachorros». Foi jogada outra vez na casinha suja. Kola ficou deitada no chão com olhos fechados. Se pudesse morrer! Tinha apenas treze anos e a morte parecia longe! Depois, cansada de chorar, começou a pensar nos dias passados, mais felizes, em seus pais e irmãos. Será que eles a ajudariam? Talvez não, porque era costume no país, atribuir a morte do marido ao espírito maligno da esposa.

Pobre Kola! Quando apenas completara doze anos de idade, fizera longa viagem para se casar com um homem de mais de 50 anos. Ele era duro e cruel e a sogra era mulher que governava a casa com a língua e com chicote. O maior desejo de Kola era de evitar a sogra e agradar o marido. Ele se importava pouco com Kola. Chicoteava-a freqüentemente, para ensinar-lhe obediência; mas desnecessariamente, porque ela era sempre obediente.

Poucos dias antes da morte do marido, a família assistiu a uma festa na cidade distante de Masri. Ali viu Kola um grupo de pessoas brancas (ingleses) que mostraram gravuras bonitas no mercado. Um quadro, especialmente, atraiu Kola; olhou-o muito tempo com grande interesse. A senhora branca perguntou-lhe: Gosta d'ele, pequena? A menina levantou os olhos depressa. A voz da senhora era doce e os olhos azuis.

Respondeu: Sim é bonito. Mas por que é que o Homem Branco fala com o menino e a menina assentados sobre seu joelho?

(continua)

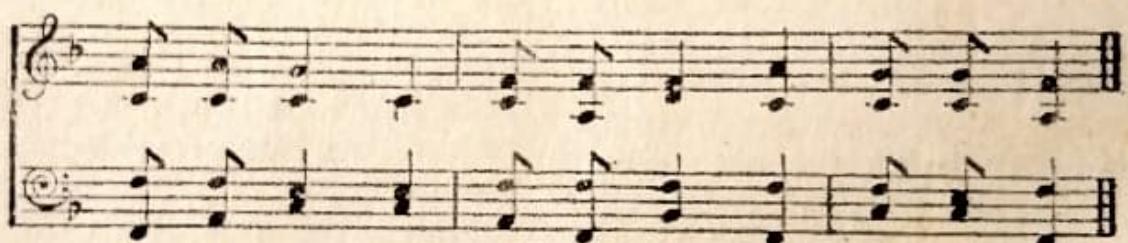
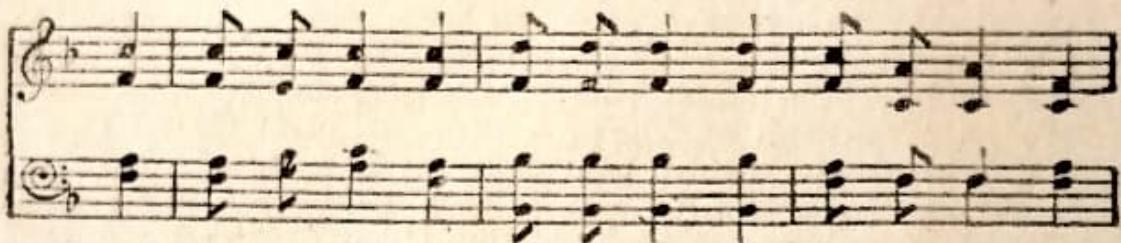
A Rocha Inabalável

Letra: W. Anglin

Música: W. B. Bradbury (S. S. 22)



Côro:



1 Na Cruz eu ponho minha fé,
Qual Rocha inabalável é
Jesus, que ali por mim sofreu—
Em meu lugar a vida deu.

2 Minha esperança firme está,
Pois sempre minha fé será
Na morte do meu Salvador,
E no Seu sangue expiador.

3 E quando Cristo me levar
Ao Seu celeste, santo lar,
Da Sua Cruz lembrer-me-ei,
E face a face vê-LO-ei.

CÔRO: *Na Rocha minha fé está;
Em outro salvação não há.*

EXPEDIENTE

MOCIDADE CRISTÃ é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.